

## GEOGRAFIAS DO IMAGINÁRIO

Júlio César Suzuki

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil, [jcsuzuki@usp.br](mailto:jcsuzuki@usp.br)

**DUPUY, Lionel. Géographies; Le territoire et ses paradoxes. Mauléon Soule: Astobelarra-Le Grand Chardon, 2013. 166p.**

Lionel Dupuy, geógrafo e pesquisador associado ao laboratório SET (Société, Environnement, Territoire) da Université de Pau et des Pays de l'Adour, aporta, em *Géographies; Le territoire et ses paradoxes*, uma importante discussão acerca do imaginário geográfico, tomando como referência três debates extremamente interessantes para evidenciar muito da riqueza de leituras do espaço: a presença dos grafites na cidade, a relação entre espaço geográfico e espaço romanesco e a produção do território linguístico.

Tendo, como área de estudo, a porção sul da cidade de Pau, uma aglomeração de porte médio para a realidade francesa, junto aos Pirineus; e valendo-se de entrevistas com grafiteiros e de registros fotográficos de inúmeras de suas obras; bem como baseando-se, sobretudo, em Gaston Bachelard e Michel Foucault, Lionel Dupuy analisa os grafites como uma marca da busca por um espaço perdido, em que o direito à cidade é circunscrito a certos limites. A prática mesma do grafite se coloca entre o ilegal e o possível; ora realizada entre os interstícios de ausência de tráfego de pessoas, longe da passagem da multidão; ora nos chamados governamentais para algum momento importante de valorização das expressões artísticas marginalizadas, como outrora fora o blues ou, no caso brasileiro, o samba.

Uma diferenciação importante está presente na discussão de Lionel Dupuy: grafite (*graffiti*) e pichação (*tag*). Se o grafite é a expressão de uma busca artística, em que existe um desenho mais ou menos elaborado, realizado com o uso de tinta *spray*; a pichação é somente a revolta contra a ordem imposta pela sociedade capitalista, uma simples assinatura. A partir, então, desta diferenciação, é possível identificar a qualidade artística de Nacre, um grafiteiro cuja obra é marcada pela presença de conchas

que se expandem em filamentos. Em sua obra, mais que a utopia (um lugar que não existe), é possível encontrar, o que já propôs Foucault, a heterotopia (um lugar do outro), segundo a interpretação de Dupuy.

O grafiteiro, neste contexto de produção de uma arte marginalizada, mas expressiva de um tempo e de um espaço, por um lado, é um mediador por natureza, aquele que pode estabelecer os laços entre diferentes mundos, relacionar dimensões esquecidas ou pouco aparentes e ligar pontos de uma cidade fragmentada; sendo, assim, aquele que permite vislumbrar muito da densidade histórica de produção do espaço, em que a cidade se revela como lugar reticulado, em que apropriações e usos são extremamente desiguais e múltiplos.

Os grafites, por outro, são mapas, com os identificou Dupuy (2013:79), “[...] capazes de dizer um outro mundo, de dizer diferentemente o mundo. Eles propõem uma outra escrita do espaço”.

É, também, de uma escrita muito especial sobre o mundo que podemos encontrar na Literatura, cujas relações nos permitem aprofundar a compreensão acerca das relações espaciais, marcada pela mediação transdisciplinar, a que nos convida Lionel Dupuy ao discutir as *Viagens Extraordinárias* de Jules Verne, a partir, principalmente, da inspiração de Éric Dardel, Vincent Berdoulay, Marc Brosseau e Roland Barthes.

A obra de Jules Verne, em seus 62 romances que compõem a série *Viagens Extraordinárias*, realiza um imbricado entrosamento entre Geografia e Literatura, principalmente por sua posição em se reconhecer como autor de romances geográficos.

Baseado em conhecimentos geográficos da época, sobretudo os de exploradores como Jean Chaffanjon, Jules Verne recria as descrições da paisagem com o cuidado necessário a dar-lhes significado fundamental na construção da trama, ao ponto de Dupuy, ao recuperar a discussão de Marc Brosseau sobre a infrutífera diferença entre descrição e narração em ficções romanescas, apontar para a necessidade de superação das críticas feitas ao texto verniano em ser eminentemente descritivo, já que

é por meio deste recurso discursivo que o autor realiza a incorporação da dimensão física da paisagem, dos mitos fundadores e dos clássicos.

A recriação em Jules Verne, a partir dos relatos dos exploradores, é marcada pela imaginação, por mais que a descrição física da paisagem esteja, em geral, muito bem articulada ao que viram os exploradores.

Assim, o imaginário geográfico, por meio de metáforas, possui papel central na obra romanesca verniana, promovendo um forte diálogo com a distinção existente entre o sagrado e profano a partir da descrição física da paisagem.

A obra de Jules Verne, como defende Lionel Dupuy, é uma porta de entrada para miríades de possibilidades de leituras sobre a complexidade do mundo e de seus paradoxos. Como uma escrita sobre o mundo, tal qual se pode pensar acerca dos grafites nas cidades, a Literatura é uma expressão social, marcada pelos sujeitos que a compõem, prenhe de todo um imaginário social, de modo semelhante com o que ocorre na definição das línguas, sendo que algumas, por força do poder social de outras, são definidas como “regionais”, como o occitano, por mais que sua origem seja extremamente regional<sup>1</sup>, no sentido estrito do termo geográfico, recuperando seu pays de origem.

A tentativa de reduzir a expressão de línguas regionais na França remonta aos anos que se seguiram à Revolução de 1789, em que Robespierre impôs, no decreto de 20 de julho de 1794, o uso da língua francesa como a única a ser utilizada em documentos oficiais, recuperando a tentativa de François Primeiro, em 1539, de ter o uso exclusivo da língua francesa em atos oficiais e documentos da justiça. No entanto, como bem aponta Lionel Dupuy, o uso da língua está para muito além das restrições legais, o que permitiu a sobrevivência do occitano, falado por mais de 3 milhões de pessoas, mesmo que sendo considerada, pela UNESCO, uma língua em perigo de extinção.

---

<sup>1</sup> Manteremos, aqui, a diferença entre uma leitura preconceituosa da língua regional com o uso de aspas, enquanto que a compreensão de sua origem e de seu vínculo regional sem tal presença, no mesmo sentido de que se valeu Lionel Dupuy (2013).

Além da opressão contra as línguas regionais, Lionel Dupuy aponta o quanto a divisão administrativa da França, extremamente geométrica, definida após a Revolução de 1789, culminou com o desrespeito à história regional, seguindo o argumento da possibilidade de acesso às capitais administrativas em deslocamento de um dia, bem como a equidistância entre elas. No entanto, o exemplo entre Pau e Tarbes, distantes 35 quilômetros uma da outra, revela o quanto esta divisão não seguiu o preceito fundamental de uma jornada para se chegar à capital administrativa a partir do ponto mais distante.

Nestes termos de contradições entre a legislação, a história e os usos, vale discutir a importância das línguas regionais como reservatório cultural e social, de conformação de territórios e de imaginários, em que não se pode esquecer o quanto as línguas regionais produziram termos e expressões assimilados por aquela de maior força, a “nacional”, e o quanto a língua dominante nada mais é do que aquela que teve mais força no jogo de poder de construção da nação.

Os territórios linguísticos, a escrita romanesca e os grafites são extremamente mediados pelo imaginário social, cuja análise pode contribuir para a compreensão do espaço e de suas dinâmicas e relações, em interstícios das leituras que não valorizaram o simbólico e o subjetivo na Geografia.

Assim, a obra de Lionel Dupuy contribui para nos ajudar a empreender um esforço de refinamento do olhar em análises geográficas que, fundadas no que parece residual, insignificante ou corriqueiro, possam estabelecer relações extremamente profundas para a compreensão dos paradoxos espaciais.